

A QUESTÃO DA VIOLÊNCIA NAS ESCOLAS DE GOIÁS

Alice Viana*

A violência nas escolas é um fenômeno complexo e com múltiplas determinações, que impacta diferentes pessoas. Por isso, torna-se crucial realizar estudos que busquem compreender esse fenômeno, entender suas dinâmicas, o perfil das vítimas e identificar suas determinações.

Nesse sentido, o tema do presente trabalho é Violência nas Escolas em Goiás e tem como objetivo analisar a violência nas escolas no Estado de Goiás, buscando verificar suas dinâmicas e características gerais, visando descobrir suas determinações. Portanto, buscamos identificar os tipos de violência que se manifestam nas escolas de ensino fundamental em Goiás, mapear os dados sobre essa violência e comparar os dados de escolas públicas e privadas, buscando apreender possíveis diferenças e entender a razão da sua existência.

Violência e Escola

Compreender a dinâmica da violência no contexto escolar exige enxergar a escola em sua totalidade, como parte integrante da sociedade e instrumento de sua reprodução. Para atingir esse objetivo, utilizamos o método dialético, que permite uma análise totalizante do fenômeno, evitando uma visão fragmentada que trate a escola como realidade isolada do conjunto social. Marx (2019) contribui ao demonstrar que a relação entre indivíduo e sociedade é complexa e dinâmica e que o ser humano é concreto, histórico, social, bem como dependente das condições sociais e materiais existentes que constituem e afetam a vida psíquica.

* Mestre em Sociologia pela Universidade Federal do Paraná.

Alguns teóricos discutem a questão da violência partindo de uma perspectiva freudomarxista, como é o caso de Erich Fromm. Fromm trabalha com processos psíquicos e sociais que podem levar a contextos de violência, abrangendo manifestações como o sadismo e o masoquismo. Assim, Fromm compreende a violência como uma relação social que pode assumir diversas manifestações e destaca que

se os atos que têm intenção de destruir, os que têm a intenção de proteger e os que têm a intenção de construir passam a ser, todos eles, denotados por uma única e mesma palavra, então, na verdade, não haverá qualquer esperança de que se compreenda sua “causa” (Fromm, 1973, p. 17).

Logo, ele reconhece a necessidade de diferenciar os tipos de manifestação da violência, apontando para a importância de se considerar suas diferentes formas.

Entretanto, é necessário esclarecer o que se entende por violência, pois, “no mundo das representações cotidianas, a violência é confundida com qualquer uso da força, reação abrupta, explosão, ruptura” (Peixoto, 2023, p. 12). Assim,

Consideramos a violência como um fenômeno social caracterizado pela imposição – pela força física ou por qualquer outra forma de se constranger outro a aceitar algo indesejável ou prejudicial ao desenvolvimento natural do indivíduo ou grupo social – realizada por um indivíduo/grupo social a outro indivíduo/grupo social. Desta forma, a violência é uma relação social de imposição e não se confunde apenas com a violência física ou com a criminalidade, abrangendo, portanto, um conjunto de fenômenos que vão além destes (Viana, 2004, p. 20).

Dessa forma, adentramos questões fundamentais, como a naturalização da violência. Observa-se que as abordagens naturalizantes da violência “são ideologias que tornam esse fenômeno social um produto da natureza, seja a biológica ou aquela que remete à questão da essência” (Peixoto, 2023, p. 18). Ou seja, torna-se necessário compreender as determinações sociais e históricas da violência escolar, pois, como afirma Viana:

Uma outra questão importante é a da gênese da violência. A questão das determinações (“causas”) da violência é de importância crucial e é objeto de inúmeras análises. Para alguns, os instintualistas (ou instintivistas), como Freud, Klein, entre outros, a fonte da violência se encontra nos instintos; para outros, como os filósofos Hobbes e Weil, se encontra na natureza humana; para outros, sua fonte é a pobreza, a dominação etc. (Viana, 1999). Em outra oportunidade, criticamos o uso da ideia de causalidade para compreender o fenômeno da violência (Viana, 1999) e, em outro texto, questionamos a ideia de causalidade numa perspectiva metodológica (Viana, 2001). A contribuição de Marx foi fundamental para se entender os limites da ideia de causalidade e para superá-la. Marx colocou em evidência a necessidade de entender um fenômeno concreto descobrindo suas múltiplas determinações e, principalmente, sua determinação fundamental (Viana, 2001, p. 118).

Justifica-se esta pesquisa justamente pela persistente confusão e dificuldade em compreender a violência que ocorre no ambiente escolar, o que acaba por obscurecer o fenômeno e sua complexidade social. Isso porque, muitas vezes, tais violências são tratadas de forma superficial, desconsiderando suas múltiplas determinações, e

Muitas vezes se confunde violência na escola com violência escolar, assim como se confunde violência na cidade com violência urbana. Isto obscurece a especificidade da violência escolar e tem um claro papel ideológico. A violência escolar é uma forma específica de violência. Ela é gerada pela instituição escolar, ou seja, é a escola que gera esta forma específica de violência. A violência escolar é realizada tanto por aqueles que detêm o poder quanto pelos que estão submetidos a ele. No primeiro caso, temos a violência institucional; no segundo, a violência contestadora, realizada pelas vítimas da violência original, fundadora, que é justamente a primeira. Para entender a violência escolar é preciso, antes de tudo, entender o que é a escola. A escola é uma instituição que realiza a socialização e/ou ressocialização dos indivíduos, ou seja, busca moldá-los para viverem e reproduzirem determinadas relações sociais (Viana, 2002, p. 119).

Dessa forma, observamos que a escola reprime e reproduz certos comportamentos e ideias para garantir a ordem e a disciplina institucional (Viana, 2002). Além disso, a violência escolar manifesta-se como violência simbólica, conforme Bourdieu (apud Viana, 2002), por meio da imposição e legitimação de significados. Essa forma de violência é menos evidente que a física (Silva, 2021) e, por isso, tende a ser silenciosa, mas sustenta e alimenta outras violências mais explícitas. Assim, é evidente que as contradições da sociedade capitalista se reproduzem no ambiente escolar de diferentes formas, sendo uma delas a violência nas escolas, o que diferente da violência escolar (institucional). Neste trabalho, destacamos a violência nas escolas, expressa em violências físicas, violências sexuais e violências culturais, como o racismo, a discriminação, entre outras.

No entanto, os relatos de violência nas escolas presentes nas representações cotidianas costumam ser tratados como casos isolados ou reduzidos a termos genéricos, como o “bullying”, que será discutido sob outra perspectiva neste trabalho. Essa abordagem simplista contribui para a invisibilização das complexas dinâmicas que estruturam a violência no contexto escolar. Nesse sentido, ainda há dificuldades em compreendê-la em sua totalidade, considerando suas dinâmicas e múltiplas determinações. Logo, a proposta deste trabalho é contribuir para essa compreensão mais ampla da violência na escola.

A manifestação da violência nas escolas em goiás

O presente trabalho adotou uma abordagem documental, com o objetivo de coletar e analisar dados secundários e notícias veiculadas na mídia local. A coleta de dados foi organizada a partir de duas categorias principais: 1. Dados secundários sobre violência, provenientes de relatórios de institutos de pesquisa, boletins e informes epidemiológicos, mapas da violência, estudos acadêmicos, entre outros documentos oficiais; 2. Dados primários sobre violência, constituídos por notícias relativas a episódios de violência em escolas, publicadas nos principais jornais impressos e plataformas digitais do Estado de Goiás e em veículos nacionais, no período de 2023 a 2025.

Foram realizadas pesquisas em bases de dados secundárias com o objetivo de trabalhar com mapas da violência e outras informações relacionadas à violência nas escolas. Nesse processo, destacamos o Observatório de Violências nas Escolas, disponível na plataforma ObservaDH, uma iniciativa do MEC e do MDHC, com apoio técnico do Fórum Brasileiro de Segurança Pública (FBSP), da Unesco e do Ministério da Justiça e Segurança Pública (MJSP). Essa fonte forneceu dados estatísticos relevantes que contribuíram significativamente para a análise geral desenvolvida neste trabalho.

Ademais, também realizamos uma revisão sistematizada da literatura sobre violência nas escolas e psicologia. Optamos pela plataforma Periódicos CAPES e realizamos a busca utilizando os termos “violência”, “escola” e “psicologia”, com recorte temporal de 2020 a 2025 e delimitação espacial ao território brasileiro. Essa busca resultou em um total de 110 artigos, dos quais, após a exclusão dos duplicados, restaram 109. Em seguida, realizamos a leitura dos resumos e selecionamos apenas onze artigos com base no critério de adequação temática. Os outros 98 artigos foram excluídos por tratarem da violência entre jovens do Ensino Médio, por não serem estudos da psicologia ou por apresentarem uma perspectiva do bullying distinta da adotada neste trabalho. Após a análise completa dos onze artigos restantes, seis artigos foram excluídos, aplicando os mesmos critérios de exclusão utilizados para os demais.

Após a coleta, os dados foram sistematizados e analisados com o intuito de identificar os tipos de violência presentes no contexto escolar, delinear suas principais formas e explorar possíveis diferenças entre as realidades das escolas públicas e privadas.

Além disso, foi realizada uma busca por notícias relacionadas à violência nas escolas no Estado de Goiás. Inicialmente, utilizou-se o Google Notícias com as seguintes palavras de busca “Goiás”, “violência” e “escola”. A mesma pesquisa foi replicada nos

principais portais de notícias, como G1 e Mais Goiás. Ao todo, foram identificados 19 títulos que se enquadravam nos critérios desta pesquisa. As demais notícias foram descartadas por tratarem de casos envolvendo crianças mais velhas, fora do escopo do Ensino Fundamental, ou por se referirem a violências ocorridas fora do ambiente escolar, embora a escola tenha sido mencionada nos relatos.

Por fim, foram realizadas análises das notícias, dos artigos e de todos os dados obtidos, organizando-se o material em eixos de análise que possibilitaram uma compreensão mais ampla das formas de violência nas escolas e de algumas de suas determinações fundamentais. Ressalta-se, no entanto, a consciência de que muitas situações de violência nas escolas não são denunciadas e acabam sendo invisibilizadas.

Portanto, o presente trabalho teve como objetivo analisar as manifestações da violência na escola no Estado de Goiás, suas determinações e as formas de enfrentamento registradas entre os anos de 2023 e 2025. Para tanto, foram utilizados dois caminhos metodológicos: a análise de publicações científicas (pesquisa bibliográfica) e o levantamento de notícias veiculadas na mídia (pesquisa documental).

Foram inicialmente identificados 110 estudos por meio de buscas em bases de dados acadêmicas. Após a exclusão de duplicados e leitura dos resumos, restaram 11 estudos completos, dos quais 3 foram incluídos na síntese qualitativa por atenderem aos critérios de elegibilidade. Estes estudos, publicados entre 2022 e 2024, analisam diferentes aspectos da violência nas escolas, incluindo bullying, relações de poder e suas contradições. A Tabela 1 resume as principais informações dessas produções, como título, autores, periódico e ano de publicação.

Tabela 1 - Estudos incluídos em síntese qualitativa

Título	Autores	Periódicos	Ano de Publicação
Violência, educação e sociedade: do que se queixa a escola?	Pablo Henrique Teodoro de Lima e Marcelo Ricardo Pereira	Aprender, Caderno de Filosofia e Psicologia da Educação	2024
Violência Contra Professores nas Escolas Brasileiras: Determinantes e Consequências	Livia Souza, Marttem Santana, Maria das Dores Carvalho, Andréia Alves, Redjane de Campos, Gustavo da Rocha e Elberto Ribeiro	Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação	2023
Práticas Pedagógicas, Processos de Comunicação e Violência na Escola: problemas e contradições	Theresa Miranda e Angela Branco	Olhares Revista do Departamento de Educação da Unifesp	2022

Fonte: sistematização realizada pela autora (2025).

O conjunto de artigos destaca algumas abordagens acerca da compreensão da violência nas escolas, que analisaremos adiante.

Além da revisão bibliográfica, foram identificadas mais de 70 notícias no Google Notícias, com filtro de ano entre 2023 e 2025. Após a remoção de conteúdos duplicados ou não relacionados, foram selecionadas 20 notícias, das quais 13 tratavam diretamente de casos de violência nas escolas de Goiás e 6 abordavam políticas e medidas de enfrentamento implementadas pelo poder público. Nesse sentido, as notícias foram organizadas em quatro núcleos de significação: (1) a contradição das políticas de enfrentamento da violência na escola (n=6); (2) violência sexual (n=6); (3) violência física (n=4); e (4) violência cultural (n=3).

As 6 notícias da categoria da contradição das políticas de enfrentamento foram organizadas na Tabela 2. Elas incluem ações como a instalação de detectores de metais, uso de câmeras de segurança e botões de pânico nas escolas de Goiânia, além de algumas medidas de conscientização.

Na Tabela 2, dentre as medidas de enfrentamento identificadas, observa-se a predominância de ações voltadas à vigilância e repressão (n=3), como a instalação de mecanismos de controle e vigilância, além da checagem de antecedentes criminais dos professores contratados. Em seguida, destacam-se iniciativas de combate a formas específicas de violência nas escolas, conduzidas por órgãos públicos (n=2), com foco no enfrentamento ao abuso sexual, bullying e violência digital. Por fim, identifica-se uma abordagem mais crítica em relação à violência na escola, que aponta para a precariedade das condições básicas de muitas instituições de ensino no Brasil, como a ausência de acesso à água potável (n=1).

Tabela 2 – *A contradição das políticas de enfrentamento da violência na escola.*

Item	Título	Data	Veículo
1	Hecad combate abuso sexual infantil em escolas públicas	07/11/24	Governo de Goiás
2	Audiência na Alego discute bullying e violência digital entre jovens	25/04/24	Mais Goiás
3	Presidente sanciona lei que exige antecedentes criminais de professores	07/02/24	Jornal Opção
4	O problema não está na porta das escolas, mas dentro delas	29/05/23	Estadão
5	Escolas de Goiânia passam a ter detectores de metais	02/05/23	G1
6	Câmeras de segurança e detectores de metais: Goiânia divulga medidas de segurança para combate à violência nas escolas	12/04/23	G1

Fonte: sistematização realizada pela autora (2025).

Já os 13 casos de violência na escola identificados nas reportagens, revelam diferentes formas de manifestação do fenômeno, como agressões físicas entre alunos, ameaças e casos de violência sexual. Observa-se, inclusive, a predominância de violência sexual (n=6), seguidos por casos de violência física (n=4) e violência cultural (n=3).

Na Tabela 3, estão apresentados os casos da categoria de violência sexual cometida por trabalhadores da escola. Esses dados indicam que a natureza das agressões sugere dinâmicas de poder que vão além dos conflitos interpessoais, envolvendo, possivelmente, a atuação ou a omissão de adultos responsáveis pela segurança no ambiente escolar. Verificou-se, ainda, que, em todos os casos, as vítimas identificadas eram do sexo feminino, sendo que, em dois deles, também havia vítimas do sexo masculino (n=5). Quanto à faixa etária, predominavam adolescentes entre 12 e 17 anos. Quanto ao tipo de instituição, a maior parte dos episódios ocorreu em escolas públicas (n=4), enquanto apenas dois casos foram registrados em escolas particulares.

Tabela 3 - *Casos de violência sexual.*

Item	Título	Data	Veículo
1	Professor de educação física é preso suspeito de crimes sexuais	04/09/24	G1
2	Professor é preso suspeito de estuprar aluna de 13 anos	05/08/24	G1
3	Professor de Colégio Militar é preso suspeito de estuprar alunos	01/03/24	G1
4	Diretor de escola é investigado por beijar rosto de aluna	08/12/23	G1
5	Professor de educação física vira réu por crimes sexuais contra alunos	23/11/23	G1
6	Professor é suspeito de crimes sexuais contra alunas adolescentes	30/10/23	G1

Fonte: sistematização realizada pela autora (2025).

Na Tabela 4, são apresentados os casos de violência física, que, em sua maioria, ocorreram entre pares (n=3), sendo que um caso envolveu um professor. Dentre os episódios, dois foram cometidos com o uso de arma branca (faca) e dois envolveram agressões físicas utilizando o corpo ou livros. Quanto ao perfil das vítimas, observou-se que dois casos envolveram meninas e dois envolveram meninos, todos com idades entre 11 e 13 anos. Todos os episódios ocorreram em escolas públicas.

Tabela 4 - *Casos de violência física.*

Item	Título	Data	Veículo
1	Mães denunciam omissão de escola diante de agressões contra alunos	17/04/25	G1
2	Professor é preso suspeito de agredir alunos com livros e régua	21/03/25	G1
3	Estudante é esfaqueada por colega dentro de escola em Goiás, diz PM	23/10/24	G1
4	Adolescente de 13 anos ataca com faca duas colegas em escola	11/04/23	CNN

Fonte: sistematização realizada pela autora (2025).

Na Tabela 5, são apresentados os casos de violência cultural (n=3). Observa-se que, na maioria das notícias, os títulos classificam os episódios como “bullying”, no entanto, este termo será discutido sob outra perspectiva ao longo do presente trabalho, considerando a abordagem da razão instrumental trabalhada por Antunes (2010). Observa-se que todos os casos ocorreram em escolas públicas, envolvendo apenas uma vítima do sexo feminino. As idades das vítimas variaram entre 9 e 14 anos.

Tabela 5 - *Casos de violência cultural.*

Item	Título	Data	Veículo
1	Adolescente com câncer denuncia bullying em escola de Luziânia	05/06/24	Mais Goiás
2	Menino chora ao contar que sofre bullying porque a mãe é cadeirante	04/12/24	G1
3	Adolescente arranca pedaço da orelha de colega autista	20/05/23	G1

Fonte: sistematização realizada pela autora (2025).

A partir desses dados será possível analisar os tipos de manifestação de violência na escola no Estado de Goiás.

Analisaremos cada tipo de violência isoladamente e, depois, faremos uma leitura integrada dos dados. A própria separação em tipos já revela um ponto importante: a maioria dos casos se refere à violência sexual (Tabela 3), com prevalência de vítimas do sexo feminino, predominantemente adolescentes entre 12 e 17 anos. Isso reforça a necessidade de ampliar o debate sobre segurança escolar para além da violência entre alunos, pois todos os casos envolvem trabalhadores da instituição, evidenciando a escola como espaço onde também se reproduzem relações de poder abusivas. Segundo o Anuário Brasileiro de Segurança Pública (2022), 86% dos casos de estupro de vulneráveis tiveram meninas como vítimas, o que se reflete no contexto escolar com proporção semelhante.

Já nos casos de violência física (tabela 4), observa-se que todas as ocorrências foram em escolas públicas, geralmente frequentadas por pessoas em situação de vulnerabilidade, mais suscetíveis à violência tanto por parte do Estado quanto da sociedade civil. Nessas condições, a violência sofrida pode ser reproduzida, em um contexto de escassez de recursos básicos e de relações sociais marcadas por conflitos decorrentes da instabilidade social. Tais fatores afetam o psiquismo, podendo gerar reações agressivas e a perpetuação das violências vividas.

Além disso, o IBGE (2013) aponta que alunos de escolas públicas estão mais expostos à violência do que os de escolas particulares. Mesmo sendo um dado antigo, permanece relevante, pois ainda reflete a realidade observada. Considerando que o indivíduo é resultado de múltiplas determinações e que a escola reproduz as contradições da sociedade capitalista, é esperado que as instituições públicas concentrem mais casos de violência. Contudo, a pobreza, por si só, não gera violência, segundo Viana (2002), é necessário que esteja associada a outras determinações, como valores culturais e alto grau de necessidade.

Embora também haja um apagamento dessas ocorrências em instituições privadas, onde relações de poder e interesses dificultam a visibilidade desses casos, e, a quase

ausência de registros envolvendo crianças menores não indica ausência de violência nessa faixa etária, mas sim dificuldades na sua identificação e notificação.

No perfil geral das vítimas de violência nas escolas, 60,6% são do sexo feminino, segundo o Fórum Brasileiro de Segurança Pública (2013-2023). Nos dados coletados na nossa pesquisa, 8 casos tiveram vítimas meninas, 5 casos envolveram meninos e, em um caso, as vítimas foram ambos, o que representa 57,1% de meninas, 35,7% de meninos e 7,1% envolvendo ambos. Esses percentuais se aproximam do perfil observado em nível nacional.

E, nos casos de violência cultural (tabela 5), dois dos três casos foram classificados como bullying, mas, na verdade, evidenciam a imposição de valores, ideias (Viana, 2002) afetando principalmente meninos (n=2) de escolas públicas. Contudo, ao analisarmos as notícias de enfrentamento (tabela 2), há uma ênfase em soluções tecnológicas e punitivas, com menor destaque para estratégias educativas e preventivas. Dentre elas, fica evidente a predominância de medidas punitivas, que colocam os alunos como os principais agentes da violência. Políticas voltadas ao combate ao “bullying”, por exemplo, fazem uso de detectores de metais e câmeras para vigiar os estudantes, revelando muito mais uma lógica de repressão e de naturalização dos comportamentos considerados incivilizados por parte dos alunos do que uma real tentativa de compreender as motivações que sustentam a violência no ambiente escolar. Uma notícia aborda o combate à violência sexual direcionado à prevenção por parte dos alunos, mas em todos os casos apresentados na tabela 3, os autores da violência foram trabalhadores da escola.

Apenas uma reportagem trouxe elementos relevantes, ainda que limitados, sobre a violência na escola. Intitulada “*O problema não está na porta das escolas, mas dentro delas*”, a matéria destaca que, embora o Governo de Goiás tenha investido mais de 350 mil reais em detectores de metais, questões estruturais graves permanecem. Mais de um milhão de estudantes ainda não têm acesso à água potável, e essa precariedade é um importante fator associado à violência.

Além disso, diante dos artigos encontrados para a pesquisa (tabela 1), poucos saíram da perspectiva de naturalização da violência e sua relação com o conceito abstratificado de “bullying” (Antunes, 2010). Dessa forma, apenas um trouxe reais contribuições para a discussão e será analisado aqui com mais detalhes.

No artigo de Miranda e Branco (2022), as autoras aprofundam a discussão sobre a violência na escola, ainda que, por vezes, sem abranger toda a complexidade do

problema. Os autores reconhecem que as práticas pedagógicas refletem as contradições da sociedade. Destacam que a escola pública, especialmente, reproduz violências culturais e simbólicas, muitas vezes culpabilizando alunos e famílias, enquanto ignora as condições sociais precárias que os cercam. Além disso, apontam que os processos pedagógicos são permeados por valores como individualismo, competição e naturalização da violência (como no caso do uso do termo bullying), reproduzindo ideologias sem reflexão crítica (Miranda; Branco, 2022). Assim, os dados reforçam que a violência na escola não é um evento isolado, mas um fenômeno com múltiplas determinações, atravessado por relações de poder, divisão de classe e contradições sociais. Essas questões estão frequentemente ligadas à precarização das condições escolares e a outras contradições que geram formas específicas de violência, como a repressão sexual.

Nesse sentido, destacaremos um referencial teórico para a compreensão da violência, permitindo articular esses elementos com uma análise mais ampla. De acordo com Viana (1999),

A teoria da sociedade de Marx apresenta a ideia de que o controle é gerado pelo conflito. Segundo Marx, a instituição das sociedades de classes e dos conflitos entre elas faz emergir instituições voltadas para o controle social, em especial o Estado, para assim amortecer os conflitos sociais. O Estado, o direito, as ideologias, as instituições privadas, a cultura e a sociabilidade são formas de regularização das relações sociais, ou, em outras palavras, são formas de controle social. Os conflitos de classe iriam dilacerar a sociedade civil sem a emergência destas formas de controle social. O Estado e as demais formas de regularização das relações sociais não abolem o conflito de classes e os demais conflitos sociais derivados dele; apenas realizam o seu amortecimento. Os conflitos sociais continuam existindo e gerando formas de violência, porém não se radicalizam ao ponto de realizar uma revolução social (p. 231).

A partir disso, compreende-se que todas os tipos de violência têm como determinação fundamental os conflitos de classe, ainda que cada caso concreto apresente múltiplas determinações, o que permite explicar manifestações específicas. Como afirma o autor, “o mesmo procedimento de busca das determinações do fenômeno, entrelaçadas com a determinação fundamental, fornece o núcleo metodológico para se compreender as diversas formas de violência na sociedade contemporânea” (Viana, 1999, p. 234). Dessa forma, compreender a violência como uma relação social derivada de outras relações sociais, marcadas pelo conflito de classes e pelos mecanismos de controle, é essencial para apreendê-la em sua totalidade.

Nesse sentido, a violência nas escolas não se origina exclusivamente no interior da instituição escolar, mas se vincula às condições sociais mais amplas, próprias da sociedade capitalista, que produz uma sociabilidade mercantilizada e uma mentalidade competitiva, além de intensificar contradições na organização escolar, favorecer a repressão sexual e o surgimento de desequilíbrios psíquicos, configurando múltiplas determinações da violência.

Considerações Finais

A partir da análise dos dados, observa-se o apagamento das dinâmicas que produzem a violência nas escolas, acompanhado de uma ênfase em políticas de caráter punitivo. Constatou-se a predominância da violência em instituições públicas, nas quais a maioria dos indivíduos vive em condições sociais precárias (como maior proximidade com o crime organizado e situações de privação das necessidades básicas), aspectos relacionados à classe social desses indivíduos. Tal cenário evidencia contradições internas do sistema educacional, que, no caso das escolas públicas, também se mostra precarizado. Ademais, as principais vítimas são meninas, o que revela como a questão da mulher e as relações de poder reproduzem, no espaço escolar, as determinações sociais mais amplas da sociedade capitalista.

Nesse sentido, evidencia-se que o problema não se limita à infraestrutura, é necessário compreender a escola como uma instituição inserida na sociedade capitalista, a qual constrói instituições e uma cultura voltadas à sua própria reprodução. A pobreza, a repressão e a violência refletem e reproduzem as relações de poder, sendo o indivíduo também expressão do social (Marx; Engels, 2019). Apesar das múltiplas determinações, a pesquisa indica que a base da violência nas escolas está nas relações de classe, nas contradições do capitalismo e em sua reprodução, favorecida pela ausência de práticas pedagógicas e educativas voltadas à prevenção da violência nas escolas.

Referências

AGÊNCIA BRASIL. *Aluno de escola pública está mais exposto a brigas e armas que o de escola privada*. EBC Memória, 19 jun. 2013. Disponível em: <https://memoria.ebc.com.br/agenciabrasil/noticia/2013-06-19/aluno-de-escola-publica-esta-mais-exposto-brigas-e-armas-que-de-escola-privada>.

ANTUNES, D. C. *Bullying: razão instrumental e preconceito*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2010.

FÓRUM BRASILEIRO DE SEGURANÇA PÚBLICA. *Violências e violações*. Anuário Brasileiro de Segurança Pública – ObservaDH, 2022. Disponível em: https://experience.arcgis.com/experience/54febd2948d54d68a1a462581f89d920/page/C_A---Viol%C3%A0ncias-e-viola%C3%A7%C3%B5es.

FÓRUM BRASILEIRO DE SEGURANÇA PÚBLICA. *Violências intraescolares*. Observatório de Direitos Humanos em Educação – ObservaDH, 2023. Disponível em: <https://observadh.mdh.gov.br/>.

FROMM, Erich. *Anatomia da Destrutividade Humana*. Rio de Janeiro: Zahar, 1973.

MARX, Karl.; ENGELS, Friedrich. *A ideologia alemã*. Tradução de M. C. Mota. Petrópolis: Vozes, 2019.

MIRANDA, T. R. B. de; BRANCO, A. M. C. U. de A. *Práticas pedagógicas, processos de comunicação e violência na escola: problemas e contradições*. Revista Olhares, v. 10, n. 1, p. 1–21, 2022.

PEIXOTO, Maria Angélica. *Tráfico internacional de mulheres: violência e representações cotidianas*. Goiânia: Edições Redelp, 2023.

SILVA, T. V. da. *A violência e suas implicações nas relações acadêmicas em uma escola da periferia da cidade de Goiânia, no final dos anos 2020*. 2021. Dissertação (Mestrado em Educação) – Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Goiânia, 2021.

VIANA, Nildo. Escola e violência. In: VIANA, N.; VIEIRA, R. (orgs.). *Educação, cultura e sociedade: abordagens críticas da escola*. Goiânia: Edições Germinal, 2002.

VIANA, Nildo. Violência, conflito e controle. In: OLIVEIRA, D. et al. (org.). *50 anos depois: relações raciais e grupos socialmente segregados*. 2. ed. v. 1. Goiânia: Cegraf. p. 223-239, 1999.

RESUMO:

O presente trabalho tem como objetivo analisar a violência nas escolas do Estado de Goiás, buscando verificar suas dinâmicas, características gerais e determinações, bem como identificar os tipos de violência no Ensino Fundamental e comparar dados de escolas públicas e privadas. Adotou-se o método dialético e uma abordagem documental, com coleta de dados secundários e análise de notícias veiculadas na mídia entre 2023 e 2025, além de revisão sistematizada da

literatura. Os dados foram sistematizados para identificar tipos de violência e possíveis diferenças entre redes de ensino. Compreende-se que a violência possui como determinação fundamental os conflitos de classe, vinculando-se às condições sociais mais amplas da sociedade capitalista. Observa-se a predominância da violência em escolas públicas e que a maioria das vítimas são meninas, evidenciando contradições sociais e relações de poder que são reproduzidas no espaço escolar.

Palavras-chave: Violência nas escolas; Conflitos de classe; Goiás; Escolas públicas e privadas; Ensino Fundamental.

THE ISSUE OF VIOLENCE IN SCHOOLS IN GOIÁS

ABSTRACT:

This study aims to analyze violence in schools in the state of Goiás, seeking to examine its dynamics, general characteristics, and determinations, as well as to identify types of violence in elementary education and to compare data from public and private schools. A dialectical method and a documentary approach were adopted, including the collection of secondary data and the analysis of news reports published in the media between 2023 and 2025, in addition to a systematized literature review. The data were organized to identify types of violence and possible differences between school networks. Violence is understood as having class conflict as its fundamental determination, being linked to broader social conditions of capitalist society. The results indicate a predominance of violence in public schools and that most victims are girls, revealing social contradictions and power relations reproduced within the school environment.

Keywords: Violence in schools; Class conflict; Goiás; Public and private schools; Elementary education.